

Vindos do Alem

DAIANA LUCENA

Víndos do Alem

Livro Rápido
Olinda – PE
2013

Copyright © 2013 by **Daiana Lucena**

Todos os direitos reservados à Autora
Daiana Lucena

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Montagem de Capa e Diagramação
Andreza de Souza

Revisão
Joseane de Oliveira Ferreira

ISBN E FICHA CATALOGRÁFICA EM ANDAMENTO

Editora Livro Rápido – Elógica
Diretora editorial: *Maria Oliveira*

Rua Dr. João Tavares de Moura, 57/99 Peixinhos
Olinda – PE CEP: 53230-290
Fone: (81) 2121.5307/ (81) 2121.5313
livrorapido@weblogica.com
www.livrorapido.com

Prólogo

Você acredita em coisas sobrenaturais? Bem, eu costumava não acreditar, mas depois que fatos estranhos começaram a ocorrer em minha vida, passei a ver esses fenômenos por um prisma diferente. Meu nome é Julia Valença, tenho 22 anos e moro na Rua da Saudade, no bairro da Boa Vista, no Recife. No momento, encontro-me na Catedral de São Pedro, no bairro de Santo Antônio. Não estou rezando, nem algo do tipo. Na verdade, estou me protegendo e me escondendo, também. Nunca imaginei que o que vou lhes contar agora, viesse a acontecer comigo e mudar tanto a minha vida. Achei que morreria...

Sumário

Capítulo 1 - <i>O primeiro contato</i>	9
Capítulo 2 - <i>Era para ser um momento nostálgico</i>	17
Capítulo 3 - <i>O homem sombra</i>	27
Capítulo 4 - <i>Cinema e assombrações</i>	35
Capítulo 5 - <i>A noite dos esclarecimentos</i>	53
Capítulo 6 - <i>Encontro inusitado</i>	67
Capítulo 7 - <i>A surpresa</i>	81
Capítulo 8 - <i>A possessão de Jeniffer</i>	97
Capítulo 9 - <i>Mais ajuda do Sagrado</i>	109
Capítulo 10 - <i>Cada vez mais unidos</i>	113
Capítulo 11 - <i>De volta à Catedral</i>	135
Capítulo 12 - <i>O Círculo de Efraim</i>	141
Epílogo.....	151

Capítulo 1

O primeiro contato

Passavam das seis da tarde e eu havia acabado de sair da loja de *CDs* da qual trabalhava, na Av. Conde da Boa Vista. Aquele havia sido um dia como outro qualquer para mim, monótono e fatídico. Como morava próximo à loja, fiz o mesmo trajeto de sempre: Rua do Hospício, pegando à direita com a Rua do Riachuelo e por fim, após alguns metros, chegando à rua onde moro. Mas antes de chegar, refleti um pouco, pela milésima vez, o real motivo pelo qual deixei minha vida ficar tão obsoleta. Eu morava sozinha em um pequeno apartamento. Meus pais residiam no interior do estado, mais precisamente na zona rural de Caruaru. Minha infância, e todos os momentos felizes naquele acolhido lugar é a única lembrança que me resta nesta cidade. Como todo jovem, tenho minhas aspirações e ambições, e uma delas era construir um futuro longe daquele cenário pacato. Custou convencer meus pais que no Recife eu teria mais oportunidades, e onde eu poderia, enfim, fincar meus pés e conquistar meu espaço. Foi então, que aos 19 anos essa mudança aconteceu. No início foi difícil. Aos poucos senti o impacto da responsabilidade que, embora ainda fosse uma adolescente, o peso da vida adulta pendia em meus ombros. O pouco de dinheiro que meus pais depositavam em minha conta poupança, dava para pagar um quarto, numa hospedaria, até que consegui um emprego e com

ele “estabilidade” financeira. Entre aspas, porque para mim, quem mora de aluguel nunca está totalmente estabilizado.

Prestei vestibular para o curso de Psicologia na Universidade Federal no mesmo ano, mas não obtive sucesso. Então aqui estou, sobrevivendo da venda de alguns míseros *CDs* e sem nenhuma outra perspectiva aparente. Não sou de desistir fácil, mas pus todas as minhas expectativas no vestibular e acabei fracassando. Por que não voltei para o interior? Vergonha. Diante de todo o carnaval que fiz para chegar até aqui, retornar de cabeça e as mãos vazias enfatizariam todo o discurso pessimista de meu pai. Prometi a minha família que voltaria com o diploma nas mãos, e era isso que eu pretendia fazer. Só não sabia quando. Passei um bom tempo sem entrar em contato com eles. Mandava cartas para que soubessem que eu estava bem, mas evitava o contato via telefone, para não expor meu fracasso. Considero-me hoje uma pessoa que parou no tempo, que se entregou ao comodismo supérfluo e corriqueiro. Pelo menos uma coisa eu consegui, morar na capital do estado.

Meus devaneios me levaram até a porta do prédio onde moro. Logo no saguão, muito simples por sinal, cumprimentei André, o porteiro, e verifiquei minha caixa de correspondência. Havia apenas contas a serem pagas. No prédio de cinco andares não havia elevador, então me arrastei pelas escadas, saudando cada morador que encontrava com um, “boa noite”, até chegar ao quarto andar, onde morava. Estacionei em um pequeno corredor, onde havia duas portas marrons escuras, uma de frente para a outra. A lâmpada 60 ws dava um toque

mórbido ao local e eu até me agradava, já que minha vida assemelhava-se àquele clima.

Ao abrir a porta do apartamento, Snif, meu gato de estimação, saltou do sofá em minha direção, abanando suavemente sua cauda cinza peluda. Após trancar a porta, coloquei as cartas na mesa de canto, onde havia um abajur. Entrelaçando-se em minhas pernas, Snif cumprimentou-me com o seu típico jeito manhoso e seu miado sedutor.

-Olá, para você também, Snif!

Respondi com um sorriso, enquanto acariciava sua cabeça branca como a neve. Costumo dizer que Snif foi um presente, que eu encontrei dentro de uma caixa, próximo a um estacionamento perto do prédio. Foi amor à primeira vista, quando peguei a bolinha branca, de cauda cinza em meus braços, e seus olhos cor de mel me encarando arregalados. Não hesitei, e logo estabelecemos forte amizade. Já faz dois anos que estamos juntos. Atravessei a pequena sala, composta por um sofá de dois lugares, uma mesa de canto e uma estante, na qual havia uma *TV* de 14 polegadas e um *mini system*. Objetos, claro, de segunda mão. Havia também, uma varanda, onde cabiam duas cadeiras e uma mesa de centro. Dois jarros de plantas, aéreos, completavam a decoração. Era tudo, muito simples, porém aconchegante.

O que separava a sala da cozinha era uma meia parede, estilo cozinha americana. Na cozinha minúscula, cabiam apenas a geladeira, o fogão, meu armário de parede e um

balcão, onde a pia encontrava-se acoplada. Não tinha espaço para uma mesa, por isso eu não a tinha. Fazia minhas refeições como a maioria dos jovens de hoje em dia, em frente à televisão. No lado direito da cozinha, ficava a pequena área de serviço. Tão pequena, que nem cabia um tanquinho de 4 kg. Por fim, no lado esquerdo da cozinha, ficava meu quarto onde havia também, o banheiro. Coloquei minha bolsa pendurada no cabide de parede e entrei no banheiro, onde pude, enfim, tomar um banho.

Após jogar todo o estresse pelo ralo, pus minha camisola favorita e fui preparar algo para comer. Já então, sentada de frente para a *TV*, peguei meu saboroso sanduíche de mortadela e dei uma mordida, enquanto assistia às notícias locais. Snif aproximou-se sorrateiramente com um olhar pidão. Logo venho à memória, que não tinha posto a sua comida.

Retornei à cozinha com a atenção voltada ao noticiário. Abri a porta superior do armário, peguei o saco de 1 kg de ração para gatos e fechei a porta, virando para apanhar a tigela de Snif. Num piscar de olhos, um homem de roupa branca surgiu na entrada da cozinha, parado há alguns metros de distância de mim. Congelei no mesmo instante, deixando o saco aberto cair no chão e espalhando parte de seu conteúdo. Quis gritar, mas um nó se formou em minha garganta. Por onde ele entrou, eu não sei, visto que a porta estava devidamente trancada e escalar três andares seria visível e arriscado.

Havia uma expressão de dor em seus profundos olhos negro, e suas olheiras saltadas, denunciavam dias sem descanso. Sua pele empalidecida me fez lembrar um velório. No mesmo momento, ele abriu a boca no formato de “o”, como se algo estivesse atenuando sua dor. Sua mão esquerda ergueu-se trêmula em minha direção. Este gesto aumentou ainda mais meu pânico. Tentei novamente gritar e quando pisquei mais uma vez os olhos, o estranho havia desaparecido. Com o coração acelerado, desliguei a televisão e corri para o quarto, onde me enfiei por debaixo da coberta. Apertei os olhos, na esperança de dissipar a imagem do estranho de minha mente, mas foi em vão. Ele parecia cada vez mais nítido. Aqueles segundos pareceram uma eternidade e isso me tirou o sono, naquela noite. Temi que o esquisito voltasse a aparecer.

Por pouco não perdi a hora de trabalhar na manhã seguinte. Ainda desconfiada, abri com cautela a porta do quarto, e constatando que estava sozinha, sai de meu refúgio. Snif havia se encarregado de limpar o chão, mas apenas uma porção limitada onde a ração estava acumulada. Sem tempo para faxinas, tomei meu banho e sai para a loja. As lembranças da noite anterior, ainda estavam latentes em minha cabeça. Tomei uma xícara de café, na lanchonete do outro lado da avenida e segui para o trabalho. Esperava que lá, pudesse esquecer um pouco o ocorrido das últimas 12 horas.

-Nossa amiga! Você esta com uma cara péssima hoje.

Disse Jeniffer, minha melhor amiga, assim que cheguei.

-Bom dia, para você também.

Resmunguei, com a voz arrastada.

-Noite agitada?

Ela quis saber, com um risinho nos lábios.

-Você nem faz ideia!

Respondi, enquanto guardava minha bolsa na sala do estoque que também servia de escritório para o gerente, Eduardo.

-Juh, sua danadinha! O quê e com quem você andou aprontando?

Insistiu, empolgada.

-Não queira nem saber, amiga. E vamos mudar de assunto, por favor?

Notei com o canto do olho, que Jeniffer me olhava interrogativa e ao mesmo tempo com uma expressão preocupada. Eu poderia até contar a ela o que aconteceu, mas não naquele momento.

-O que você vai fazer, neste sábado?

Ela indagou, quebrando o gelo. Com o movimento fraco nas primeiras horas da manhã, dava para conversar e organizar os *CDs* em suas respectivas categorias.

-Ainda não tenho nada em mente.

-O que acha de irmos ao *Manicômio*?

-Só nós duas?

-Claro que não, amiga! Breno irá, também.

Não achei uma boa ideia, visto que Breno era o namorado dela. Mesmo assim, concordei em ir, afinal de contas, precisava urgentemente de uma distração.

Passavam das dez da noite do sábado, quando Breno, já acompanhado de Jeny, estacionou o seu Gol, cor grafite, de quatro portas, na frente do prédio. Dançar era um de meus hobbies. Na boate, cheia por sinal, conheci um rapaz chamado Felipe, com quem passei toda a noite. Ter saído fez com que eu desviasse a atenção da imagem assustadora daquele homem. Felipe, com certeza, foi a melhor companhia naquela noite. Voltei para casa com o dia amanhecendo.

Não sou de beber muito, mas dessa vez, passei um pouco do limite. Foi necessário que Jeny subisse comigo. Perambulei até o quarto, onde caí na cama do jeito que estava. Durante o tempo que passei dormindo, tive um sonho muito estranho: era noite, eu estava no topo de um prédio e havia alguém me olhando, de cima de um prédio vizinho. Vestia preto e não dava para ver o seu rosto, devido a uma densa nuvem negra que o encobria. Ele começou a murmurar numa língua estranha e de repente, ouvi vozes sussurrarem também. Quanto mais as palavras estranhas eram